

## **IDENTIFICAÇÃO, MEMÓRIA E FIGURAS IDENTITÁRIAS: A TENSÃO ENTRE A CRISTALIZAÇÃO E O DESLOCAMENTO DE LUGARES SOCIAIS**

GRIGOLETTO, Evandra (UFPE)  
(evandragrietto@gmail.com)  
DE NARDI, Fabiele Stockmans (UFPE)  
(fabielestockmans@gmail.com)

Neste trabalho, partimos da reflexão feita por Pêcheux (1997, p. 155) acerca da identidade, ao afirmar que “a “evidência” da identidade oculta que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, “estranhamente familiar”, para discutirmos a noção de *figuras identitárias*, observando como a memória intervém no processo de produção de sentidos, promovendo a cristalização e/ou o deslocamento de determinados lugares sociais.

A evidência de que nos fala Pêcheux produz o ocultamento da cisão, da movência inerente aos processos discursivos por meio dos quais a identidade aparece como se fosse UNA. O sujeito, ao ignorar a sua condição de assujeitado, constitui-se enquanto fonte e origem do seu dizer e, no repetir incessante dessa suposta unidade, se fabrica a cristalização de UM sentido, de UMA identidade, de UM lugar social..

O questionamento dessa evidência leva a AD a trabalhar com os processos de identificação, procurando compreender justamente a agitação dos sujeitos e sentidos, o que permite capturar não A identidade, mas momentos de identificação em meio à dispersão. Trata-se de considerar que a identidade não está pronta, tampouco é una, já que o sujeito é “fruto de múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do outro que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade.” (CORACINI, 2003, p. 203).

É preciso considerar ainda que os processos identitários de que falamos são marcados pela historicidade, o que remete ao trabalho da memória discursiva. Pelo viés da memória, pode se marcar tanto o apagamento quanto a retomada dessa historicidade a qual tende a ser suprimida pelo desejo de unidade que atravessa o sujeito. Trabalhar com os processos de identificação é situar-se, portanto, num espaço de tensão entre cristalização e deslocamento, que é, justamente, no nosso entendimento, o espaço em que se situam as *figuras identitárias*.

O que temos entendido por *figuras identitárias* é a personificação de identidades locais que funcionam como um lugar social, historicamente constituído e sedimentado, cujos traços vão deixando marcas na constituição identitária do sujeito. Essa noção se apoia no conceito de *figura*, que entendemos enquanto cristalização, no tempo, de uma imagem que está colada à representação de um lugar social e remete à matriz identitária de um discurso fundador (Orlandi, 2003). Trata-se de processos de regularização por meio dos quais se estabelece uma memória, que, segundo Pêcheux (1999), é caracterizada por um jogo de forças entre regularização e desregulação; ou seja, a recorrência de algo pode caracterizar um movimento em que dizer o “mesmo” é dar espaço ao “jogo da metáfora”. “Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase.” (Idem, p. 53)

A figura identitária é, assim, uma espécie de resíduo resultante dos processos de cristalização de identidades locais cujos traços ressoam, pelo viés da memória, em discursos de diferentes épocas, produzindo uma matriz de sentido por meio da qual é possível representar esse lugar.

Temos tomado como exemplo de figuras identitárias o *cangaceiro* e o *compadrito*, os quais funcionam como referência para o imaginário que se constroi sobre discursos regionais, fazendo parte da constituição identitária do sujeito nordestino, no primeiro caso, e cristalizando um sentido sobre o ser *porteño*, no segundo. Assim, pode-se dizer que as *figuras* são lugares marcantes de uma identidade local. Embora não tenham uma origem única, consolidam-se em determinados momentos históricos e passam a ser deles representativas, criando lugares de memória que tendem a se cristalizar. Ainda que tais figuras possam não mais existir materialmente, a referência discursiva a elas, enquanto objeto material, é efeito do interdiscurso. Pelo viés da memória, sentidos, dizeres, imagens relacionadas a essas figuras continuam ressoando em discursos contemporâneos, produzindo efeitos nos dizeres dos/sobre os sujeitos que se identificam ou são identificados com seu espaço de origem. Portanto, o que permanece não são propriamente *as figuras*, mas suas reverberações, perceptíveis nas marcas identitárias que a elas remetem: um determinado comportamento, um estilo de vida, um modo de vestir ou organizar-se socialmente, etc.

Entendemos estar tratando com lugares de memória, o que nos leva a afirmar que tais figuras são espaços de identificação para o sujeito e sua relação com elas se dá

por um processo de transferência, ou seja, “pela existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar” (PÊCHEUX, 1990, p. 54). Esse espaço de interpretação é o que dá lugar ao movimento de re-tomada dessas figuras em diferentes espaços-tempos discursivos, colocando-nos a questão de como se comportam, então, nos universos dos quais são parte e o que nos ajuda a compreender sua permanência (ou não) como lugares de identificação.

Retomando o exemplo da figura do cangaceiro, ainda que hoje seja apenas uma personagem histórica, essa figura inspira, pela utilização de seus emblemas, um sentimento de pertencimento a esse lugar, permitindo aos sujeitos – sobretudo os nordestinos - dizerem-se através da recuperação de fragmentos de uma memória, regional e atemporal. Atemporal porque esse dizer funciona como se estivesse unindo pontas com o passado, ao mesmo tempo em que permanece reverberando sentidos no presente, rememorando elementos que desse passado ainda significam para a forma de os sujeitos se organizarem. Símbolo da insurgência, o cangaço parece retornar, em discursos atuais, como marca de resistência, uma demonstração da fidelidade a um estilo de vida que tende a ser apagado.

Já, a figura do *compadrito*, quase sempre relacionada ao universo do tango, parece estar restrita aos que se ocupam de explicar seu surgimento e sua permanência num período de tempo já remoto, sobrevivendo apenas nas narrativas que a resgatam como símbolo de um *outro* tempo que não se atualiza. Se ainda há *compadritos*, não se escuta a sua voz, e embora se saiba quem foi essa figura e como se pode caracterizá-la, ela parece não mais funcionar como um lugar de identificação para os sujeitos contemporâneos. Assim como outras personagens, tende o *compadrito* a fazer parte de um conjunto antigo de figuras que remetem a uma configuração desse espaço mais visível nos tempos atuais, embora sua menção e imagem não se deixem apagar.

### **Referências Bibliográficas:**

- CORACINI, M. J. A celebração do outro na constituição da identidade. In: Revista **Organon**. V. 17, n. 35. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2003, p. 201 - 220.
- ORLANDI, E. **O discurso fundador**. Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999, p. 49 - 58.

\_\_\_\_\_. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.